

**O cinema como diversão “saudável”:  
o discurso médico sobre as salas de cinema em Fortaleza (1910 e 1930)**

Francisco Gildemberg de Lima\*

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar o discurso médico sobre as salas de cinema, os filmes exibidos e sua repercussão nos órgãos de imprensa na cidade de Fortaleza, entre o período de 1910 e 1930, afirmando que estas não tinham condições de higiene adequadas e ajudariam na proliferação de doenças. Além disso, a luminosidade e certos tipos de conteúdos das películas poderiam prejudicar a saúde física e psíquica do público. Esse discurso fazia parte de um movimento higienista feito pelo governo republicano no intuito de formar uma nação brasileira saudável.

Palavras-chave: Saúde. Cinema. Moral.

Abstract: This article has the objective to analyze medical discourse on the cinema, the films and its repercussion in press organs in the city of Fortaleza, in the period between 1910 and 1930, saying they had no appropriate hygienic conditions and help the spread of diseases. In addition, the brightness and certain types of content of films could prejudice the physical and mental health of the public. This discourse was part of a hygienist movement made by the Republican government in order to form a healthy Brazilian nation.

Key-words: Health. Movies. Morality.

### **Introdução**

Na década de 1920, a cidade de Fortaleza possuía entre suas principais formas de lazer e sociabilidade diversas salas de cinema fixo, exibindo vários filmes de grande sucesso comercial em outros países. Entretanto, as condições físicas desse espaço e o comportamento que parte do público tinha durante as sessões geraram reclamações nos órgãos de imprensa, exigindo da administração pública medidas para a melhoria da segurança e higiene das salas.

---

\* Mestrando em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: <gil\_demberg@hotmail.com>.

Junto a isso, a comunidade médica começa a observar melhor o conjunto sala, aparelhagem técnica e filme, buscando compreender em quais aspectos e de que forma este cinema poderia vir a ser um elemento prejudicial à saúde. Este olhar clínico coincidia com mobilizações higienistas da época, pois a partir do governo republicano, as autoridades públicas passaram a se preocupar mais com a saúde da família brasileira.

Lugares como residências, locais de trabalho ou espaços de usos coletivos das cidades, onde havia maior concentração de pessoas, passaram a ser observados do ponto de vista médico. Pensando na higienização desses lugares, foram colocados em prática ações de drenagem dos pântanos, aterros sanitários, criação de praças e parques arborizados visando uma maior circulação de ar, entre outras séries de medidas. Ao mesmo tempo, o governo produzia um discurso com o objetivo de criar regras gerais para a população, no intuito de constituir uma nação brasileira “civilizada e saudável”.<sup>1</sup> Para que isso ocorresse, o “controle sobre o corpo” dos brasileiros era fundamental. Tornava-se necessário fortalecê-lo, livrá-lo de endemias causadas pela própria natureza, como a febre amarela e controlar doenças milenares, tal qual a lepra, fazendo da saúde pública um problema predominante. Nesse sentido, o cinema também se torna elemento a ser observado mais de perto. A comunidade médica inicia uma série de debates e discussões sobre o espaço das salas cinematográficas, as condições de sua estruturada física, os tipos de filmes que eram exibidos, e como isso tudo poderia afetar na saúde física, e mesmo psíquica do espectador.

O objetivo deste artigo é analisar o discurso médico sobre as salas de cinema e as películas cinematográficas exibidas na cidade de Fortaleza, e como ele ganhou forma e destaque nas páginas dos jornais e revistas da época, que apontavam reclamações em torno de suas condições de higiene e apresentavam matérias focando pesquisas de cunho científico, buscando identificar os efeitos que os filmes poderiam ocasionar na mente e comportamento das pessoas, analisando em quais pontos a exposição do indivíduo a uma seqüência de imagens contendo determinados conteúdos seriam benéficas ou maléficas à saúde psíquica do espectador. Busca-se também compreender como estas questões estavam inseridas no plano higienista de formar uma civilização brasileira saudável e civilizada, algo que o cinema, segundo o discurso médico, estaria influenciando negativamente o comportamento moral do público.

---

<sup>1</sup> OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “FORA DA HIGIENE NÃO HÁ SALVAÇÃO”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. *MNEME – Revista de Humanidades*: Revista do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 4, n. 7, p. 14-29, fev./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme07/002-p.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

### A sala de cinema como espaço para a proliferação de doenças em Fortaleza

No dia 26 de agosto de 1908 é inaugurada a primeira sala de cinema fixo de Fortaleza, o cinematógrafo “Art-Nouveau”, com a promessa de trazer diversão para os habitantes da cidade. Em poucos anos houve um aumento significativo de espaços dedicados à apresentação de espetáculos cinematográficos, sendo que em 1920, já existiam aproximadamente 14 espaços dedicados à projeção de filmes. Esse rápido crescimento de salas ao longo desses 12 anos nos mostra como o cinema em pouco tempo ganhou destaque, sedimentando-se em uma nova forma de lazer, tornando-se também um lugar de sociabilidade para a população fortalezense.

À medida que a popularidade dos cines aumentava, juntamente com o crescimento do público que os freqüentavam, o espaço das salas começava a atrair diversas reclamações. Pelo fato destas serem espaços de uso coletivo, diversas pessoas de diferentes níveis sociais freqüentavam, às vezes, as mesmas sessões, gerando desconforto para as famílias de classe média.

Dessa forma, começou-se a ter uma maior preocupação em torno do ambiente do espaço reservado à exibição de filmes, ao tipo de público freqüentador e ao conteúdo exibido. Muitas pessoas tinham receio de ir ao cinema, pois poderiam ser roubadas pelos “batedores de carteiras”; as famílias tinham medo de deixar suas filhas e esposas irem sozinhas aos espetáculos cinematográficos, temendo que elas pudessem ser importunadas pelos chamados “bolinas”, homens que se aproveitavam da escuridão da sala para assediar as mulheres durante a exibição do filme. A estrutura física das primeiras salas também apresentava uma grande precariedade, pois a inexistência de normas de segurança para a instalação destas fazia com que galpões e prédios abandonados fossem utilizados como lugares exibidores de filmes. Dessa forma, grande parte dos cines de Fortaleza, nesse período, aparentava mais ser um local adaptado, do que um espaço construído com a finalidade única de projeção de películas cinematográficas. Podemos ter uma idéia das condições físicas de algumas salas de cinema em Fortaleza a partir da memória do cronista Otacílo Azevedo, que nos descreve a estrutura de um dos cines que freqüentou:

Freqüentamos o Cinema Julio Pinto, na Rua Major Facundo, em cuja segunda-classe havia uma cacimba coberta por um tablado e sobre o qual ficava a orquestra. Ao lado, uma fábrica de gelo fazia um barulho ensurdecador. Mas isso não impedia o interesse de todos pelos acontecimentos projetados na tela.<sup>2</sup>

---

<sup>2</sup> AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza descalça*. Fortaleza: Edições UFC, 1992, p. 26.

A falta de segurança e condições precárias das salas gera reclamações em jornais e revistas. No entanto, as maiores queixas feitas pelos órgãos de imprensa da cidade diziam respeito às escassas condições de higiene dos cinemas, podendo trazer malefícios para a saúde do público. Em relação a essa questão, os médicos começaram a se preocupar com a “nocividade” que a as salas de cinemas poderiam ter e constataram que o espaço fechado e escuro da sala em sessões lotadas poderia ser prejudicial à saúde coletiva de todos ali presentes, pois estariam respirando o mesmo ar e correndo o risco de ficarem doentes nesse ambiente abafado. Logo, os médicos alertavam para a necessidade de instalarem ventiladores para ajudar na circulação de ar, renovando-o e evitando que as pessoas tossissem, espirrassem e contribuíssem assim para a disseminação de gripes, resfriados e até mesmo nevralgias. Juntamente com isso, o discurso médico apontava também certos hábitos praticados pelas pessoas dentro dos cinemas como colaboradores na falta de higiene, e com o passar dos anos acabaram ganhando reclamações nos jornais e revistas da cidade. Na década de 1920 podemos encontrar diversas críticas de famílias queixando-se de espectadores que estragavam a diversão dos outros por fazerem barulho e algazarra durante a exibição dos filmes, gritando, assobiando ou mesmo falando alto. Mas se faziam reclamações principalmente dos indivíduos com o hábito de “cuspir” no assoalho da sala ou nas outras pessoas, ou ainda, homens que fumavam cigarros dentro dos cines, deixando o ar impuro e quase impossível de ser respirado. Na revista Ceará ilustrado, semanário independente que tratava de política, literatura e Humanismo; era comum serem publicadas críticas desse tipo, feitas por espectadores do “Cine-Theatro Majestic Palace”, o primeiro cinema de grande porte de Fortaleza.<sup>3</sup> Sobre os hábitos do público deste cine, em especial os fumantes, a revista comenta:

#### O Fumo no cinema

Todo individuo que fuma, é mais ou menos, mal educado.

Poz o cigarro na bocca, riscou o phosphoro, accendeu o Accacia, o homem, que haja batido o recorde da gentileza, se transforma por completo.

Se elle fuma automaticamente, quase por acto reflexo, parece que não está fazendo cousa alguma e, dahi, largar uma baforada á quem lhe está perto, sem ao menos ter conta do que pratica.

O fumo que é um prazer insubstituível para uns, é um martyrio para outros.

Estes últimos têm de soffrer eternamente com o prazer dos que fumam.

Nos cinemas, entre nós, o fumante, accende o cigarro quando sae da bilheteria e, se a fita é de oito partes fuma cada um delles, oito cigarros.

No <<Majestic>>, parece um expurgo da prophylaxia da febre amarela.

---

<sup>3</sup> O Cine Majestic foi criado em 1917 e foi por muitos anos um dos maiores cinema da cidade, com capacidade para mais de 1000 pessoas. O cine, pertencente a Luiz Severiano Ribeiro, era melhor estruturado, em relação aos cines de pequeno porte. Mesmo assim, se tinha muitas reclamações sobre os hábitos de parte das pessoas que freqüentavam o cine.

Durante a projecção, quando o salão fica às escuras, os phosphoros relampagueiam, aos centos, em todos os cantos.

O espaço fica turvo de fumaça e o assoalho se transforma em nojenta cuspideira.

Registram-se embriagueses de nicotina.

Os cabellos das senhoras impregnam-se do cheiro do fumo.

Nos episodios sensacionaes dos films o fumante, com a attenção absorvida, se esquece de chupar o cigarro, que se apaga: o tormento é maior.

Não haverá um jeito para isso?<sup>4</sup>

Ao comparar a sala do Majestic como um “expurgo da prophilaxia da febre amarela”, pode-se ter idéia do grau de insatisfação do público em relação a sua higiene. Neste caso, as críticas sobre o hábito de fumar dentro das salas de cinema acabavam preocupando ainda mais os médicos por conta da falta de circulação do ar, prejudicando assim a saúde de diversas pessoas de uma única vez, impossibilitando no desenvolvimento do projeto higienista do governo, já que o espaço de diversão do cinema poderia proliferar moléstias no corpo dos espectadores. Para os médicos, esse tipo de comportamento “mal educado” mostrava o nível de ignorância das pessoas em relação à importância de se manter aquele ambiente saudável para todos que ali estavam durante as sessões.

### **A tecnologia do cinematógrafo e seus efeitos sobre a saúde do individuo**

Com relação às manifestações de críticas feitas em torno das salas de cinema e suas condições de higiene, o saber médico se debruçou sobre a tecnologia do cinematógrafo, buscando constatar como e em quais circunstâncias esse aparelho poderia afetar a saúde do indivíduo.

Em suas considerações, os médicos afirmavam que o espaço da sala de cinema, por se caracterizar como um ambiente escuro durante a projeção de um filme, poderia causar problemas de visão no espectador, pois a tela projetava imagens iluminadas em excesso. Logo, se afirmava que a exposição a esse tipo de alterações entre o claro e escuro de forma constante seria prejudicial à saúde dos olhos. Aliado a isso, havia sido diagnosticado também o chamado “fenômeno de trepidação das imagens”, que dificultava a visão do espectador pelo fato da película não se apresentar de maneira fixa, ou seja, durante o filme era comum que a imagem oscilasse constantemente, podendo ocasionar danos dos mais diversos, como fadiga ocular, fotofobia, lacrimejamento, e nos casos mais graves, conjuntivite. Além disso, alguns médicos afirmavam que pelo fato dos filmes serem mudos, o espectador fazia um grande

---

<sup>4</sup> Revista Ceará Ilustrado, 25 de janeiro de 1925.

esforço mental para interpretar as cenas, correndo o risco de causar efeitos nocivos ao cérebro devido ao que ficou conhecido como “esforço de imaginação”.<sup>5</sup>

Estas constatações médicas preocuparam os donos dos cines e produtores cinematográficos da época, resultando em melhorias na técnica da perfuração das películas e nos obturadores dos projetores. Tal medida obteve resultados significativos na redução de trepidações, mas mesmo assim as queixas continuavam a aparecer. Na revista O Ceará Ilustrado, houve também reclamações referentes ao problema do equipamento de projeção utilizados nos cines pertencentes à empresa Severiano Ribeiro, considerada pela revista como:

[...] a empresa que não providencia sobre a deficiência técnica de seus aparelhos, sobre os eclipses de suas projecções, contra as rupturas de seus films, a empresa que transforma seus salões em sala de fumar, não tem o direito de abusar desse modo do público que assegurou e mantém a sua prosperidade.<sup>6</sup>

Mesmo falando sobre as questões de ordem técnica, a crítica volta a ressaltar o problema de se fumar dentro dos cinemas. Houve tentativas de se mudar a negatividade da sala cinematográfica. Fatores que eram identificados complementares no surgimento de incômodos, mal estar ou de doenças nos olhos e no cérebro, como a posição do indivíduo em relação à tela de projeção e predisposição do espectador a esses problemas, geraram iniciativas por parte dos médicos em recomendar a utilização de óculos de lentes azuis ou vermelhas, visando prevenir esse tipo de mal aos olhos<sup>7</sup>. Estas medidas buscavam proteger a saúde do indivíduo, e conseqüentemente, a saúde coletiva do público, mas tais métodos acabaram não sendo seguidas pelos donos de cinemas.

### **Os filmes, saúde psíquica e comportamento do público**

As discussões médicas relacionadas ao cinema não se restringiram somente às salas ou aos problemas de projeção. Houve também diversos debates sobre de que forma as películas cinematográficas poderiam influenciar o comportamento das pessoas e se poderia trazer algum tipo de dano psíquico para o indivíduo. Nessa concepção, os médicos afirmavam que os espetáculos cinematográficos assumiram lugar permanente no mundo moderno e por conta disso exerciam grande influência psicológica nas pessoas de diferentes níveis sociais, pois como ressalta o Dr. Cunha Lopes em seu livro Higiene mental, os “efeitos do cinema se faziam sobre todos os indivíduos dotados de sensações estéticas, cultos ou incultos, crianças

---

<sup>5</sup> STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001, p. 207.

<sup>6</sup> Revista Ceará ilustrado, 10 de maio de 1925.

<sup>7</sup> SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Senac, 2004, p. 127.

ou adultos.”<sup>8</sup> Com isso, muitos acabavam se deixando levar pelo que os médicos chamavam de “ação sugestionadora” dos filmes, acontecendo com mais frequência na personalidade infantil, podendo ocorrer de forma “nociva” quando não observada pelos pais. Logo, se apontavam películas que abordam violência, assassinatos e crime, como sendo os principais tipos de filme responsáveis em trazer “maus exemplos” para o público.

Neste período, é possível encontrar notícias nos jornais de Fortaleza relacionadas a esse tipo de discussão. “O Nordeste”<sup>9</sup>, periódico de orientação católica, será um dos principais órgãos de imprensa da cidade a se importar com os tipos de filmes exibidos nos cinemas e enfatizava a criação de uma censura, proibindo a entrada de menores em espetáculos cinematográficos contendo alguma cena imprópria para o público menor de idade. Em uma de suas notícias, o jornal mostra como se dava a forma de influência dos filmes nas pessoas, através das várias emoções que eram despertadas nas pessoas. Para isso, o periódico costumava usar pesquisas médicas para dar melhor embasamento:

Lance-se sobre uma sessão o manto das trevas, mantenha-se o silencio no auditório; pense – se que todos quantos ali estão pensam na scena que têm deante de si, scena frequentemente de amor impuro, ardente, infiel, apaixonado, idealizado pela sympathia dos actores ou pelo próprio curso da representação.

Faça-se a luz, attente-se bem nas creanças, cavalheiros e damas, como que congestionados pela emoção ou série de emoções que acabaram de sofrer.

[...] Na cidade de Berna, Suissa, frequentaram o cinema, no correr do anno, cerca de 2.750 meninos e jovens dos cursos médicos e superiores. Que viram eles nos cinemas? Uma estatística, feita com toda a paciência, deu o seguinte resultado: 1656 quadros de geographia, 1914 scenas de brigas, 1286 disputas entre marido e mulher, 1350 scenas de embriaguez, 367 de abandono de creanças, 1160 de roubo de creanças, 1120 adulterios, 1124 assassinios, 625 envenenamentos, 447 estrangulamentos, 407 afogamentos, 203 torturas, 23 mortes de queimados, 8 de enterrados vivos, 4 de esmurrados. 1645 assaltos, 1179 roubos, 1171 incendios com assassinios, 765 suicidios, 1125 romances de detectives.<sup>10</sup>

Pela fonte pode-se observar como o jornal se baseia em dados estatísticos feitos por médicos sobre o tipo de cenas exibidas nos filmes cinematográficos, mostrando a numeração de quantas vezes uma determinada cena aparece em diferentes películas, buscando através desses dados, enfatizar uma maior comprovação científica para o que está se tentando afirmar. Dentro desta pesquisa, os romances de detetives, que faziam tanto sucesso na época, também

---

<sup>8</sup> LOPES, I. da Cunha. *Higiene mental* – sinopse de psiquiatria preventiva à luz dos modernos conhecimentos de genética, eugenia, psicopatologia, profilaxia, psicohigiene e pedagogia. 2. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1960, p. 302.

<sup>9</sup> O Jornal O Nordeste foi criado em 1922 com o apoio da Arquidiocese de Fortaleza e teve longa duração até 1968. Por ter ligação com a Igreja, além de ser um órgão noticioso, era também um veículo de divulgação do discurso religioso.

<sup>10</sup> Jornal O Nordeste, 6 de março de 1926.

são inseridos no resultado da pesquisa, provavelmente por ser nesse tipo de película onde essas cenas apontadas pelo jornal poderiam aparecer com mais frequência.

No intuito de frisar ainda mais esta questão, o periódico lançava em sua “Página literária”, publicações de pequenas crônicas, com objetivo de passar lições de morais sobre assuntos considerados polêmicos como as novas modas femininas, descrença na Igreja católica, e sobre os cinemas. Na crônica do dia 15 de janeiro de 1928, o jornal lança uma história fictícia para alertar sobre o risco do cinema aos mais jovens ao narrar o caso de uma criança que nunca foi ao cinema, mas sempre tinha a vontade de ir para ver os filmes comentados por seus familiares:

Mamãe, leva-me ao cinema!

Henriquito nunca foi ao cinema; não sabe o que é um cinema por dentro. Bem dita ignorância!

Já tem a frioleira dos seus seis annos, três em cada bolsinho.

[...]

De tanto ouvir falar em cinemas e pelliculas, de tanto ouvir dizer que são muito bonitas as pelliculas do cinema, abriu-lhe-se de par em par a ânsia de gozar desta belleza.

Em vão, a sua mãe, a prudente e christã d. Henriqueta, tenta apagar-lhe da phantasia a teimosa idéia. Meio apagada já estava, ainda assim, quando entram de visita as filhas de Pucherete e... <<sim! A fita desta tarde não tem nada de mal, é divertidíssima; saem uns ladrões muito engenhosos e um *detective*, que disfarça em gorilla e os apanha numa salchicharia...>>

Resultado: o menino vestiu-se de marinheiro e no cinema o vemos agora, sem peitilho, por signal.<sup>11</sup>

A história enfatiza muito a inocência da criança ao frisar que a ignorância do menino sobre o cinema deveria ter permanecido como estava, ou quando o garoto veste sua roupa de marinheiro para ir ao cinema. Além disso, mostrada a preocupação de sua mãe, cristã prudente, que tenta tirar da cabeça de seu filho essa a idéia, prevendo o que poderia acontecer. A história segue falando, com tons irônicos, sobre o filme que o menino assiste:

Com effeito: não pode haver pellicula mais innocente, mais cândida, mais simples... trata-se apenas do seqüestro de uma jovem, com o fim de arrancar do seu marido um dilúvio de dólares.

A tragédia começa. A senhora é surpreendida em sua sala, atada fortemente; com um lenço, amordaçam-lhe a boca e atiram-na, como trapo, pela janella. Que bonito! E sobretudo que instructivo e moralizador!

Seguem-se os lances do marido, que encarrega a um famoso *detective* de descobrir o paradeiro da sua esposa: trens que caem de uma ponte abaixo, bandidos que tiroteiam os policiaes; ladrões que deslizam pelos cabos de uns para-raios; amfim, um mar de scenas edificantes, cultas, instructivas, as melhores para formar o coração da creança.

E nesta creança comprehendo todas as creanças da orbe. Mas, cingindo-me a Henriquito, diverti-se que foi uma barbaridade.

---

<sup>11</sup> Jornal O Nordeste, 15 de janeiro de 1928.

A mamãe, como é natural, - pois não tinha o privilegio das corujas – não poudes observar nos olhos e no rosto do seu filho as impressões de medo, do horror, de ira, de surpresa, que notara se, como a coruja, pudera vê na escuridão. Por isso, retirou dali o filhinho sem surpresa alguma.

– Que tal a fita? Gostou? Do cinema, meu bem?

– muito, mamãe. Aqueles ladrões que desciam pelo precipicio!...

– Que medo, hein!?

– E aquele guarda que matou o ladrão quando pulava a cerca!

– Mamãe, mas... caiu morto de verdade?

– Pois não viste? – Que homens máos! Se vierem a surprehender-me alguma noite...!<sup>12</sup>

Naquela noite, o menino se prepara para dormir normalmente, mas ao adormecer começa a sonhar com os ladrões que vira no filme e acorda gritando pela mãe. Essa situação se segue por mais duas noites, quando a criança acorda desesperada e com o coração acelerado. A mãe resolve chamar um médico, e após examiná-lo com toda sua experiência clínica, sentencia o dano que o cinema causou ao seu filho:

O pobre senhor não se ter a dizer-lhe claramente a verdade, mas ella bem na conhece já.

Seu Henriquito está ferido de uma affecção cardíaca, será sua constante recordação do cinema.

E' incurável.

Claro que este caso, Henriquetas que tendes Henriquitos com trajos de marinheiros, vos toca em uma fibra mui delicada, qual é a saúde corporal dos vossos filhos; mas si contássemos não já os estragou o coração, mas dest'outras que envenenam a alma, quantos e quantos filhos de boas mães terão saído do cinema com mais lesões na alma, porque saíram com alma morta e a innocencia assassinada!<sup>13</sup>

A criação de histórias como essa, acabam se tornando não apenas um conto com lição de moral, mas também uma forma de difundir as considerações médicas sobre as películas cinematográficas e seus efeitos sobre a mente do público.

Além de considerar os filmes agentes causadores de possíveis danos mentais no público infantil, o jornal lançava matérias buscando afirmar que certos tipos de películas eram “más influências” para a juventude, principalmente em questões relacionadas ao namoro. Naquela época, ocorria, uma vez ou outra, casos de jovens ou moças que sofriam tanto por uma decepção amorosa a ponto de recorrerem ao suicídio como única forma de se verem livres desse sofrimento pelo qual estavam passando. Esse tipo de suicídio não ocorria com frequência, porém, se lia de vez em quando nos jornais, casos onde jovens e moças tiraram a própria vida por causa de problemas amorosos. Com o tempo, se associou a maior incidência desse problema aos filmes que os jovens costumavam assistir nos cinemas, mostrando

---

<sup>12</sup> Jornal O Nordeste, 15 de janeiro de 1928.

<sup>13</sup> Jornal O Nordeste, 15 de janeiro de 1928.

personagens cometendo suicídio após serem rejeitados por seu único amor. Casos assim eram transcritos nas páginas do (JON) com ganhos de elementos narrativos e diálogos incorporados à matéria, visando construir um caráter dramático para melhor encaixar a opinião do periódico em relação ao cinema. No dia 13 de fevereiro de 1926, o jornal abre espaço para discutir sobre a questão dos suicidas, considerados “os desertores da vida”. Ao falar sobre o assunto, o periódico narra o caso de uma moça que se matou imitando a cena de um dos filmes que viu no cinema:

Há poucas semanas matou-se, lá para as bandas do Andarahy uma jovem de 17 annos para quem todas as venturas corriam, começando pela idade.

17 annos!

[...] e por que?

Vejam os.

A moça era o ai Jesus dos seus Paes. Faziam-lhe todas as vontades, não havia desejos que tivesse que não fossem satisfeitos mesmo porque, se a contrariassem, bastaria que uma lagrimazinha deslissasse pelas suas faces de coma para que os Paes ou a avozinha corresse a enxuga-la.

Não havia festa de dansa, dessa dansa moderna, horrível, imoral, (...) Ella era a primeira a pedir ao irmão que lhe arranjasse um convite (...)

Mas os desejos da moça não ficavam ahi. Frequentava os cinemas – outra perversão moral, que está a pedir um paradeiro – . Via aquelles beijos lascivos, aquellas atitudes concudiscentes, aquellas maneiras impróprias dos meigos olhares dos seus 17 annos e comprehendia que era preciso que fosse feita de pão para não perverter.

Sem fé, sem a verdadeira intuição do que seja a crença em Deus, porque ia aos domingos à Igreja, como aos sabbados à avenida Rio Grande, esta louquinha, viu um dia um almofadinha que lhe fez a corte, apaixonou-se por elle e, como os Paes dessa vez a contrariaram, fez como no cinema, para fazer descer o panno do último acto da comedia da sua vida, ainda ao desabrochar.<sup>14</sup>

No dia seguinte o cortejo levava o caixão com o corpo da moça rumo ao enterro e ao cruzar com um bonde, por uma ironia do destino, ou não, estava como passageiro o tal rapaz por qual a moça havia se apaixonado e houve uma confusão a partir do momento em que alguém teria reclamado para o rapaz:

– olha, disse-lhe um amigo, foste tu que a mataste!

– eu? Estas doido, eu tenho lá a culpa de que Ella tomasse veneno e frequentasse cinemas?

E, como o bonde parasse para deixar passar o enterro, um passageiro gritou:

– Vamos embora: quem lá vae, lá vae...

– toca essa joça, olha que eu perco o almoço, gritava outro.

[...] ora, si essa moça assistisse a toda essa scena, certamente veria a grande asneira que cometteu, desertando a vida e como essa scena é sempre a mesma em casos semelhantes, eu aqui a deixo esboçada, para que os que se querem matar possam ver o papel que fazem.<sup>15</sup>

<sup>14</sup> Jornal O Nordeste, 13 de fevereiro de 1926.

<sup>15</sup> Ibidem.

Torna-se claro o intuito do jornal de tentar provar o poder de influência que o cinema poderia causar no público, a ponto de fazer as pessoas cometerem atos absurdos, se inspirando em cenas de filmes. A questão mais importante exposta no jornal era que, de uma forma ou de outra, o cinema poderia interferir negativamente no público, quando não observado com cautela por profissionais da medicina ou da pedagogia que se preocupassem com o bem estar dos espectadores. Além disso, se apontava certos tipos de filmes como prejudiciais à moral familiar, algo de grande importância para o discurso médico, no seu projeto higienista.

### **O cinema e sua intervenção na saúde moral da família**

Como foi dito anteriormente, os médicos higienistas não davam importância somente para a saúde física. A mente e a moral também deveriam ser trabalhadas para alcançar a plenitude do corpo e mente sã. Para que a saúde da mente fosse possível, tornava-se essencial higienizar a família, resguardando a honestidade da mesma, a partir da proteção da criança e da mulher, ajudando assim na criação de um novo padrão familiar de uma nação livre de enfermidades e de moral ilibada:

Desde o final do século XIX, o saber médico investia no corpo familiar brasileiro, utilizando técnicas de sujeição como a disciplina, a vigilância hierárquica entre pais e filhos, e marido e mulher e o controle das atividades sexuais inerentes a cada gênero. As atividades começam a ser classificadas de normal ou patológica, determinando os comportamentos e estereotipando a população. A instauração do regime republicano e o saneamento da família tomaram a medicina social brasileira ainda mais vigilante, mais classificatória, detentora de um poder sobre o sujeito.<sup>16</sup>

Dentro dessa lógica de padrão familiar, a mulher seria a principal base na formação da família como procriadora, mãe zelosa e amorosa para os filhos; da mesma forma que esposa dedicada e companheira do marido. Dessa forma, o controle sobre o “corpo familiar” se baseava em uma vigilância sobre a mulher nas suas funções de mãe e esposa, pois se esta não estivesse cumprindo com suas atribuições naturais dentro do lar, ocorreria a perda do caráter de moral saudável da família.

Essa vigilância ganhava mais propriedade por conta de grande parte dos psiquiatras acreditarem que a mulher era um ser infantil, se comparado ao homem, podendo ser convencida facilmente. Esta visão sobre sua fragilidade e modo de ser suscetível acabou por muito tempo sendo utilizada em tribunais para justificar fugas de mulheres dos seus maridos ou de filhas consideradas inocentes pelos seus familiares. Em um sentido social era mais cômodo acreditar que ela foi seduzida e enganada por um homem aproveitador, do que ter

---

<sup>16</sup> OLIVEIRA, op. cit., 2003, p. 17.

fugido por conta própria. Neste sentido, afirmava-se que os filmes poderiam ludibriá-la e desvirtuá-la de seu papel familiar, pois algumas películas exibidas traziam em suas histórias comportamentos femininos que se distanciavam dona de casa dedicada, ao apresentar mulheres festeiras, ousadas em suas vestimentas e maquiagens. Além disso, películas abordando temas como traição e divórcio entravam em choque com os ideais do modelo familiar que se estava querendo colocar em prática.

A sala de cinema também recebia críticas por conta de estar sendo usada como lugar para flertes e namoros entre moças e rapazes, pois longe dos olhares vigilantes de suas famílias poderiam ir mais além do que lhes eram permitidos.

Essas questões tornaram-se discussões tão sérias que, tentando solucionar este problema em Fortaleza, foram criados cinemas organizados por grupos católicos ligados à Igreja, buscando se diferenciar dos cines convencionais, exibindo filmes considerados adequados e criando estratégias de controle do corpo do público frequentador destes cines. Dois cines ganharam destaque em suas normas de comportamento. O cine São José, criado entre 1916 e 1917, organizado pelo Círculo de operários e trabalhadores católicos São José, tinha como estratégia de controle a separação do público por sexo, onde as mulheres sentavam de um lado do cine, e os homens do outro. Dessa forma, qualquer impulso sexual poderia ser contido, já que não havia a aproximação dos corpos, evitando assim uma “ocasião prospera de pecado”, pois em uma cena mais romântica de um filme, o casal não poderia nem mesmo se beijar como desejavam por estarem distantes. Além disso, foi o primeiro cine de Fortaleza a proibir a entrada de crianças e menores de 16 anos quando era exibido algum filme com temática considerada inadequada para a idade.

Já o Cine Pio X, criado em 1923 e organizado pelos monges pertencentes à ordem dos capuchinhos lombardos, tinha como estratégia a censura das cenas impróprias durante a exibição do filme, onde um monge ficava próximo ao projetor e colocava um pano na sua frente toda vez que aparecesse algo considerado inadequado, em especial as cenas de beijos entre o herói e a mocinha dos filmes. Junto a isso, durante a projeção das películas, os frades observavam a platéia por cima, e se algum casal de namorados começasse a ficar mais “audacioso” em seu romance dentro do cinema, os frades acendiam uma luz na direção da cadeira do casal. Essa “luz encarnada” acabava por “quebrar” o anonimato permitido pela escuridão da sala e fazia que a atenção do público deixasse de ser o filme e se focasse no casal e no ato “transgressor” praticado naquele momento. Essa prática serviria como aviso para o casal se envergonhar dos seus atos nada adequados para o cine e voltasse ao normal.

É importante ressaltar essa concepção do discurso médico, de proteger a moral familiar era compartilhada também pelo discurso católico. Os clérigos defendiam que esta moral estava se perdendo, frente aos novos costumes, valores e vícios do mundo moderno como o alcoolismo, crimes, violência, luxúria, etc. Nisso, determinados tipos de filmes acabavam sendo considerados “corruptores da moral” e dos bons costumes das famílias. Esse desvirtuamento afetaria principalmente a mulher, pois após ser corrompida se afastaria do ideal de mulher cristã, baseado no exemplo de Maria. Logo, esse é um dos motivos para a Igreja criar salas de cinemas “católicos” com o intuito de se ter um controle sobre o que era assistido e sobre o comportamento do público, convergindo muito ao proposto pelo discurso médico em relação aos cuidados adequados da saúde e educação do corpo.

Como exemplo desta convergência estava a forma do saber médico se posicionar diante do namoro entre os jovens. Seus corpos também deveriam ser educados para serem saudáveis e livres de qualquer tipo de mal que pudesse trazer danos para o desenvolvimento da família cuja qual o casal buscava formar, ou seja, assim como o corpo e o sexo, o relacionamento afetivo entre homens e mulheres também deveria passar por normas de cuidados médicos; já que o controle das doenças consideradas de origem hereditárias teve foco na instituição familiar, gerou-se um maior controle nas relações dos jovens que ainda estavam formando suas famílias. No caso de exames pré-nupciais eram realizados diversos testes médicos para verificar a saúde genealógica de ambos os lados. Com qualquer verificação de doença congênita, alcoolismo ou loucura, o casamento não seria incentivado.

Foram criadas várias campanhas nacionais buscando incentivar e conscientizar as famílias de que esse ato era um benefício para uma nação brasileira saudável. Logo a relação amorosa dos casais também deveria ser “vigiada” para não ocorrer uma estimulação de impulsos sexuais e com isso a perda da moral familiar. Isso acaba sendo vantajoso para a Igreja, pois mesmo se a pessoa não se importe com o discurso moralizador da Igreja de contenção dos impulsos sexuais, ele acredita no discurso médico no sentido de evitar doenças hereditárias. Mesmo sendo projetos distintos acabavam servindo um ao outro como benefício do contexto maior para a formação da nação brasileira saudável.

É importante ressaltar que apesar de os discursos médico e religioso compartilharem semelhanças na questão da moral da família e da população, não devem ser interpretados como idênticos em seus objetivos, pois a cerne do pensamento católico consistia na formação do “bom cristão” temente a Deus, diferente do discurso médico, que após o surgimento da psiquiatria apropriou em sua fala a mesma questão da moral abordada pela Igreja, mas com o ditame do saber científico para formar a o “homem razão”, aquele com a capacidade de tirar

conclusões a partir de premissas científicas e controlaria seus instintos e vontades pela moral da razão. Isso não quer dizer que o saber médico neste período não levava em consideração o conhecimento religioso, mas se fazia importante não confundir uma doença como pecado ou um mal demoníaco, mesmo não se negando por completo a existência de um mal, de valores negativos à um corpo doente.<sup>17</sup>

Apesar dos médicos identificarem diversos pontos negativos no cinema que poderiam fazer mal ao público; na medida em que se aprofundam os estudos sobre seus efeitos no público, percebem o quanto a imagem cinematográfica possuía um poder de persuasão maior do que o dos livros. Os médicos da época afirmavam que o cinematógrafo poderia ser um auxílio no aprendizado dos acadêmicos do curso de medicina. A produção de películas mostrando a anatomia do corpo humano através de autópsias, e até filmes mostrando cirurgias e amputações eram consideradas bastantes úteis para o conhecimento dos futuros médicos, pois seu uso era justificado pela afirmação de que a imagem cinematográfica era dotada de objetividade, e foi pensando nessa veracidade e transparência da imagem cinematográfica, que faz a comunidade médica a usá-lo como instrumento auxiliar na campanha higienista feita pelo governo. Logo, a comunidade médica, a partir do final da década de 1920, passa a usar o cinema fazendo propaganda de campanhas de movimentos higienistas, exibindo também vídeos sobre doenças e epidemias, e sua prevenção através de vacinas.

O que pode se perceber é que nesse período, o cinema proporcionou diferentes impressões a partir de seus espetáculos cinematográficos. Dessas impressões geraram-se diferentes discursos que discutiam diferentes usos para esta nova tecnologia. Em meio ao movimento higienista organizado pelo governo republicano, o discurso médico estuda o cinema a partir da preocupação com a saúde do público, identificando seus possíveis “efeitos nocivos” para o espectador. À medida que os médicos aprofundam seus estudos, descobrem que o mesmo pode ser usado como um complemento no “saneamento moral” dos brasileiros, ajudando na educação do corpo do indivíduo, dando conhecimento sobre as doenças e as formas de cuidar da saúde, fazendo assim uso apropriado de seus pontos positivos, na mobilização médica que estava ocorrendo no país para construir uma nação mais saudável e civilizada.

---

<sup>17</sup> CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008, p. 68.

## Referências

### Bibliografias

AZEVEDO, Otacílio. *Fortaleza descalça*. Fortaleza: Edições UFC, 1992.

CANGUILHEM, Georges. *O normal e o patológico*. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

LOPES, I. da Cunha. *Higiene mental* – sinopse de psiquiatria preventiva à luz dos modernos conhecimentos de genética, eugenia, psicopatologia, profilaxia, psicohigiene e pedagogia. 2. ed. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1960.

OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. “FORA DA HIGIENE NÃO HÁ SALVAÇÃO”: a disciplinarização do corpo pelo discurso médico no Brasil Republicano. *MNEME – Revista de Humanidades*: Revista do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, v. 4, n. 7, p. 14-29, fev./mar. 2003. Disponível em: <<http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme07/002-p.pdf>>. Acesso em: 26 jul. 2011.

SOUZA, José Inácio de Melo. *Imagens do passado: São Paulo e Rio de Janeiro nos primórdios do cinema*. São Paulo: Senac, 2004.

STEYER, Fábio Augusto. *Cinema, imprensa e sociedade em Porto Alegre (1896-1930)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

### Fontes

Jornal O Nordeste, 6 de março de 1926.

Jornal O Nordeste, 13 de fevereiro de 1926.

Jornal O Nordeste, 15 de janeiro de 1928.

Revista Ceará Ilustrado, 25 de janeiro de 1925.

Revista Ceará ilustrado, 10 de maio de 1925.

**Recebido em fevereiro de 2011; aprovado em junho de 2011.**